

O COMÉRCIO

DA PÓVOA DE VARZIM

Director, Editor e Proprietário
MANUEL AGONIA FRASCO

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS

Redacção e administração
Officinas de «Comércio»

Crónica internacional

A EVOLUÇÃO DA COMUNIDADE BRITANICA

A Comunidade britânica é a forma mais complexa de uma associação política que o mundo tem conhecido. Com os Estados Unidos e a Rússia, tem a maior parte do encargo de ganhar a guerra e preparar a paz. Ocupando quasi uma quarta parte do globo, iguala esses dois países na totalidade dos recursos em mão de obra, população, indústria e materias primas.

Mas, em contraste com os Estados Unidos e a Rússia, a Comunidade britânica está dispersa por todos os continentes e oceanos, é constituída por uma grande variedade de credos, linguas, raças e civilização e está em processo duma profunda evolução política. Por estas razões é mais vulnerável, tem menor coesão e poder de mobilização. Mas, a dura prova da guerra veio, mais uma vez, mostrar a sua forte unidade.

Os Domínios autónomos — com excepção de um, o mais próximo — collocaram-se ao lado da Grã-Bretanha por livre e immediata decisão embora o inimigo estivesse a milhares de quilómetros e os países vizinhos fossem todos neutrais. E a Comunidade britânica, felizmente para ela e para as nações que depois se alinharam do mesmo lado, tomou a sua parte na luta.

O que será o futuro? O principal objectivo político está claramente expresso, não sómente em declarações de princípios mas nos acontecimentos de há cem anos para cá e baseia-se na vontade do povo britânico e do resto da Comunidade. O Relatório de Durham, de 1839, o Estatuto da África do Sul depois da guerra Anglo-Boer, o Estatuto de Westminster, de 1931, a nova Constituição da Índia, seguida de ofertas feitas durante esta guerra, as modificações constitucionais das Indias Ocidentais, do Ceilão, de Malta são marcos militares numa constante e firme evolução do governo imperial para a autonomia.

O processo está concluído quanto aos Domínios; a Índia falta dar apenas o último passo; algumas colónias já andaram meio caminho; outras estão ainda longe.

Encaremos o caso dos países que ainda não atingiram a completa autonomia. Para eles existe a questão do ritmo e do método do progresso. Fermentos de ideias novas e os acontecimentos, resolução própria, consciência racial, rápidas modificações no poder militar e económico conduzem à impaciência e ao descontentamento. Para isso não existe uma resposta idêntica.

Enquanto as colónias não se governam elas próprias, a potência colonial deve olhar pelos interesses delas. Deve procurar abrir caminho para a sua autonomia, pela instrução e pela colaboração entre as autoridades e os naturais, promovendo o desenvolvimento económico da região.

Muitos supõem que a Grã-Bretanha cobra tributos dos seus territórios ultramarinos. É exactamente o contrário do que acontece. Paga subsídios à custa do contribuinte inglês.

Serão as operações comerciais que interessam a Grã-Bretanha? Recentemente, o Ministro das Colónias declarou na Câmara dos Comuns que, no último ano antes da guerra, apenas 24 por cento das

importações em territórios coloniais eram de origem inglesa e 35 por cento dos produtos das colónias inglesas chegavam à Grã-Bretanha.

Contudo, nas actuais circunstâncias, está demonstrado que uma única e directa autoridade é essencial. A Grã-Bretanha deve governar as suas colónias, como a França, a Holanda, a Bélgica e Portugal as suas.

Esta ideia não exclue, antes admite, a cooperação entre as diferentes potências coloniais para realizarem acordos regionais de forma a desenvolverem o intercâmbio económico entre os diversos territórios da mesma zona. Acórdos desta natureza já foram firmados pela Grã-Bretanha e pelo nosso País e obedecem áquele objectivo que comanda as potências coloniais: — procurar, pela evolução, levar as colónias a um gradual progresso até que atinjam a «maioridade».

Prisioneiros que não esquecem

Os prisioneiros britânicos nas mãos de italianos e alemães têm consideravelmente diminuído graças à invasão vitoriosa da chamada Fortaleza Europeia, pelas forças aliadas.

A Inglaterra, desde a retirada de Dunquerque, estabeleceu um serviço regular de auxílio aos prisioneiros britânicos em território inimigo, tendo lhe enviado mais de vinte milhões de encomendas, das quais 14.000.000 foram de pacotes com alimentos. Essas encomendas têm sido despachadas à razão de 20.000 sacas por semana, e são expedidas gratuitamente para os seus destinos através dos correios britânico e português.

Eça de Queirós

Fará em Maio a segunda parte da sua conferência em «A Filantropia» sobre Eça de Queirós, o rev. sr. Dr. Pires Moreira. Será mais um trabalho notável que s. ex.ª apresentará ao povo desta terra, pátria do ilustre poveiro cujo primeiro centenário se está comemorando festivamente.

Melhoramentos locais

Acabam de ser concedidos à nossa Câmara, pelo Commissariado do Fundo do Desemprego, participações para os seguintes melhoramentos:

— Pavimentação a paralelos e passeios a cimento, na Avenida dos Banhos desde o Largo Cego do Maio até ao Estádio Gomes Amorim.

— Alargamento da rua da Igreja e construção de passeios em cimento.

— Reconstrução e construção de passeios da Rua de Latino Coelho, desde a rua de Serpa Pinto para o norte.

A nossa Câmara abriu já concurso para estes trabalhos, devendo ser iniciados muito em breve.

Papeis Pintados
últimas novidades
e Hades Padrões
Manuel Pintor
OFFICINA, R. DA IGREJA

PRESIDENTE ROOSEVELT

Em sinal de sentimento pela morte do Presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Roosevelt, estiveram a meia haste as bandeiras das entidades e associações desta vila, tendo também sido enviados muitos telegramas e cartões à Embaixada Americana em Lisboa.

É que o Presidente Roosevelt era uma figura notável e muito se evidenciou na defesa da Liberdade, do bem estar da Humanidade e da Paz do Mundo.

Homens como Roosevelt não morrem, porque a sua memória perdura pelos séculos e nas gerações que se sucedem, o seu exemplo e as suas virtudes vivem sempre com respeito e gratidão.

Vão ser trasladados,

amanhã, para jazigo municipal os restos mortais do eminente sábio poveiro

Rocha Peixoto

Como noticiamos, realiza-se amanhã, 22 de Abril, a justa homenagem, prestada pelo Município, à memória gratíssima do ilustre poveiro, falecido em 2 de Maio de 1909 — António Augusto da Rocha Peixoto.

A urna com os restos mortais sairá do jazigo da família António Graça, pelas 16 horas, para a capela do Cemitério onde se realizará os officios fúnebres, sendo depois trasladada para o jazigo municipal, na avenida central do mesmo cemitério.

Ao acto assistirão as entidades



ROCHA PEIXOTO

officiais desta vila, que para isso foram convidadas, bem como muitas individualidades e o elemento associativo poveiro. Devem usar da palavra os srs. Silveira Campos, em nome da Câmara, Dr. José de Sá, em nome dos seus colegas da Escola Commercial, que tem como patrono o nome do eminente sábio poveiro e Dr. Manuel Monteiro, que foi durante muitos anos companheiro inseparável de Rocha Peixoto, na «Revista Portugalia» e uma das individualidades que vota um culto venerável à sua memória, querida a todos nós.

Rocha Peixoto, pelo seu saber e pelos seus escritos a favor da sua terra, bem merece dela e dos seus contemporâneos, que já em 1909, por ocasião da sua morte, lhe prestaram grandiosa homenagem de gratidão e de respeito.

O «Comércio da Póvoa», que tem pela memória do ilustre morto e distinto cientista a maior das considerações, associa-se, de alma e coração, ao preito que amanhã a Câmara e os poveiros lhe vão tributar.

A França

está a fabricar penicilina

O jornal «Resistance» sublinha que graças ao General Leclerc a França está a fabricar penicilina.

Com efeito, o primeiro centro de preparação deste medicamento precioso foi recentemente fundado pelo capitão médico Broch que depois de se evadir de Espanha reuniu em Inglaterra todos os elementos científicos e planos de construção necessários para a realização desta tarefa.

Por sua vez, o General Leclerc pôs à disposição de Broch um pequeno destacamento da sua divisão além dos meios materiais indispensáveis. As dificuldades, evidentemente, não deixaram de se fazer sentir dado os escassos meios de que dispõe a França empobrecida; contudo, graças aos esforços conjugados dos técnicos militares, do Instituto Pasteur e da indústria particular, a fábrica está actualmente pronta a funcionar.

Dentro de pouco tempo, os benefícios da penicilina não se limitarão apenas aos militares, tornar-se-ão igualmente extensivos à população civil.

Hora legal

De hoje para amanhã será adiantada em mais 60 minutos a hora legal, o que assim obrigará o pobre mortal ao aforismo «deitar cedo e cedo erguer».

A batata

Diz o nosso prezado colega «O Despertar», de Coimbra, que o Grémio respectivo, portanto uma organização oficial, está vendendo batata de semente desde 125 a 190 escudos a arroba; e pergunta se poderá o lavrador suportar todos os encargos inerentes e vendê-la, amanhã, pelo preço da tabela? Sem comentários.

Doamentos em **MANUEL PINTOR** RUA DA IGREJA—PÓVOA DE VARZIM

Cura de um português em Londres

Regressou a Lisboa o Dr. Jorge Vences, após uma viagem feita a Londres, como médico assistente do sr. Alfredo Marques Ferraz, da Madeira.

Ao partir para a Inglaterra, o estado do doente era tal que parecia necessária e urgente uma operação. Felizmente o cirurgião londrino, a cujo tratamento o sr. Marques Ferraz foi confiado, conseguiu debelar o mal, mesmo sem recurso a intervenção cirúrgica, neste caso substituída por tratamento eléctrico, coroado dos melhores resultados.

O Dr. Jorge Vences teve a oportunidade de visitar os hospitais da Inglaterra e confiou as suas impressões aos ovinhos clínicos de Londres e de outras cidades inglesas.

O Dr. Jorge Vences é, na verdade, convicto admirador da cirurgia inglesa e das respectivas instalações hospitalares que, a despeito dos constrangimentos da guerra, são modelos de competência, pontualidade e método. Rendeu também o tributo da sua admiração à pericia profissional, conhecimentos médicos, intuição psicológica e incansável boa-vontade do pessoal de enfermagem.

Circunstância que, por igual, muito o impressionou, foi o facto de tantos hospitais de Londres serem, em grande parte, sustentados por doativos de particulares.

Sabão

A Delegação do Grémio dos Retalhistas de Mercadoria do Norte esclarece que apenas se encontra em regime de racionamento o sabão de tipo «Offenbach» com destino exclusivo à lavagem de roupas; e que o sabão dos restantes tipos, assim como o «Amendoa» e «Tipo Especial», têm venda livre.

Boletim... do Bom Senso

Lampiofobia

Meia dúzia de noctívagos românticos continuam a peregrinar pelas ruas, multiplicando quotidianamente os seus românticos sensaborões: — cantam a balalaika, proferem obscenidades degradantes, insultam os transeuntes inquietam os moradores desta pacífica vila e cevam os seus ódios nos lampiões da iluminação pública.

O a rós, que gostamos sinceramente de boa música, não levaremos a mal que tenham pelas ruas a tocar a balalaika? Nunca espantamos até que só cantem de noite: — assim fazem todas as aves de mau agouro, mochos e corujas, e a falar com sinceridade — vozes maviosas como aquelas, encharcadas de vinho, — só de noite!

As obscenidades mais degradantes também nos não arrepiam, desde o momento em que nos convencemos de que tinha de ser mesmo assim. Nós já tínhamos a porcaria em muita parte, — nas ruas mal iluminadas, nos recantos escusos, etc. Só faltava a porcaria na linguagem, mas ainda bem que as zachopas das fábricas, desde há tempos, e esses noctívagos, agora, se lembraram de tam imperiosa necessidade. Bem hajam, e que quem de direito lhes agradeça a lembrança.

O ruído, o insulto... Sempre é melhor tudo isto do que vivermos entre peles vermelhas ou no meio de leões, na selva.

Há, porém, uma coisa que nos preocupa extraordinariamente: — para que cevam esses noctívagos românticos os seus ódios nos lampiões da iluminação pública?

Na verdade, o lampião de hoje encontra-se louvavelmente civilizado: — já não é aquêle outro lampião do tempo de D. José I, que tanto pudera sueter um bico de gaz como o corpo dum enforcado. Se o lampião continuasse aferrado aos seus antigos hábitos, compreendia-se perfeitamente. Mas os pobres lampiões, desde que se transformaram em cenouras estilizadas, fizeram-se inofensivos: — a corda resvalaria necessariamente e os corpos cairiam pesadamente no chão.

Houve quem lembrasse que o vinho tornava os homens inimigos da luz... quem dissesse que se tratava de noctívagos incorrigivelmente românticos, para os quais a frouxa luz do luar era tudo.

Tentou-se o impossível. Apagou-se a iluminação pública em todas as noites, em que o almanaque do Sr. RINGADOR afirmasse que havia lua. Fez-se mais: substituíram-se as lâmpadas, para que, mesmo quando a iluminação estivesse acesa, o seu brilho fosse em tudo igual ao de estrélas ou da lua em mais de quarto minguante.

Era o cúmulo da condescendência. Nem assim; aquêles noctívagos eram positivamente incompreensíveis. Mas nós, talvez, sabemos por quê. Esses rapazes são órfãos. Não têm pais. Não possuem família propriamente dita, os coitados. E se a têm, fóram enjeitados os infelizes.

Vivem segundo lhes apraz, são senhores de si mesmos, governam-se por cabeça própria, são emancipados, são livres e com q mesmo á-vontade com que tomam um café, servem um chá-zinho, emborcam um litro de verde, dançam um tango ou dirigem frases cheias de emoção à sopeirada, — partem os lampiões da iluminação pública.

Que mal há afinal, em tudo isso? Os habitantes das ilhas selvagens da Polinésia nem seriam capazes de tanto. Os miseráveis, podiam muito bem jogar ante o bilho fraco dum lampião com o mesmo devoção recolhimento com que se prostam ante o rumorejar da floresta ou do nascimento do Sol, — mas não partiam um lampião!...

Ora sendo assim tão órfãos, tam desventurados, tão dignos de lástima, ouzamos perguntar se a policia não os pode receber no Albergue Nocturno. Era uma obra de caridade que se lhes fazia e deviam ficar profundamente agradecidos ante essa prova de altruismo comovedor.

Eles não são exigentes. Contentam-se com qualquer coisa. Qualquer pardieiro mal alumiado e peor asca do lhes basta, porque tudo isso lhes será mais simpático do que a mísera orfanidade em que vivem.

E se julgarem pouco, lembramos a existência dum reformatório... Po de se de lá sair bom sapateiro, excelente músico, magnífico tipógrafo, exímio entalhador, — coisas que a bem dizer não são bem tam românticas como partir candieiros da iluminação pública, altas horas da noite, — mas, que diabo, sempre são menos nocivas e algo mais úteis.

E. BASTOS

Ponte de Argival

Foi ontem adjudicada ao construtor sr. Ricardo Capela, de Coimbra, a construção da ponte sobre o caminho de ferro na estrada de Argival, pela quantia de 47.000 escudos.

Como se trata de um melhoramento de grande interesse público, rejubilamos com esta notícia que transmitimos aos nossos leitores.

DINHEIRO

empresta-se sobre hipoteca. Falar na Ourivesaria MILHAZES.